

Partilhas nas redes sociais e a inserção no mercado laboral

FEUC Está a decorrer até quinta-feira, na Faculdade de Economia, a 6.ª edição do evento Bright Future



Álvaro Garrido (ao centro) presidiu sessão de abertura

Patrícia Isabel Silva

A Queima das Fitas está a chegar e Ana Sofia Carvalho, docente de Ética e Bioética, aproveitou a presença numa conferência sobre o impacto da inteligência artificial no mercado de trabalho, na 6.ª edição do evento Bright Future, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra (FEUC), para alertar os jovens para os cuidados a ter com os conteúdos que partilham nas redes sociais.

Realçando que, por vezes, as festas académicas representam alguns excessos, a especialista aconselhou os estudantes a colocarem nas redes sociais «apenas o que não se importariam que os pais vissem».

«Mais do que isso é arriscado», até para o futuro, quando estiverem a tentar entrar no mercado de trabalho, sublinhou.

«Os algoritmos vão ver tudo o que vocês publicarem», lembrou Ana Sofia Carvalho, sem deixar de criticar o que classi-

fica de «passividade» do ensino superior relativamente à formação de competências humanas. «Quem só souber fazer não vai ter espaço no mercado», frisou, com a certeza de que as instituições têm também de «formar as pessoas para elas saberem ser».

Álvaro Garrido, diretor da FEUC, lamenta que a inserção dos jovens no mercado de trabalho seja um problema

Numa altura em que tanto se fala em inteligência artificial e sobre o impacto que pode ter no mercado de trabalho, Pedro Torres, docente da FEUC, salientou que a tecnologia pode ser usada «para o bem e para o mal», sendo certo de que «há uma série de trabalhos que vão desaparecer e outros vão aparecer», como possivelmente o de «treinador de inteligência artificial».

Entre as potencialidades da inteligência artificial, o docente lembrou a utilização que tem

na deteção de fraudes a nível bancário ou, na área da saúde, «o potencial incrível» que acrescenta ao permitir «prever problemas» que os cidadãos possam vir a sofrer e que, deste modo, podem ser prevenidos.

Também presente na primeira sessão do Bright Future, evento que decorre até quinta-feira, Hugo Dionísio, da CGTP, salientou que «o ser humano não poder ser um instrumento da inteligência artificial», a quem as empresas entregam os trabalhos de menor valor.

Na sessão de abertura, Álvaro Garrido, diretor da FEUC, mostrou preocupação pela inserção dos jovens no mercado de trabalho. «É um problema sério», alertou, chamando a atenção para a precaridade que, por vezes, resulta da «incultura empresarial» e «impreparação dos gestores e empresários».

O Bright Future é uma iniciativa integrada nas comemorações dos 50 anos da FEUC, que envolve os quatro núcleos de estudantes da faculdade e outras organizações estudantis.